

EXERCITANDO O LIVRE-ARBÍTRIO ...

Aldemario Araujo Castro
Advogado
Mestre em Direito
Procurador da Fazenda Nacional
Brasília, 13 de outubro de 2024


Já contei essa história dezenas de vezes. Agora, vou registrá-la por escrito. Trata-se de um acontecimento banal, em função da decisão adotada. Entretanto, o desfecho poderia ter sido bastante trágico se a escolha fosse diferente da que foi tomada.

Fui, no final da tarde de um sábado tranquilo, comprar frutas e verduras no concorrido “Verdurão da Fartura”, no Núcleo Bandeirante, uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal. Fiz compras naquela casa comercial várias vezes antes daquele marcante dia.

Tudo transcorreu na maior calma possível, exatamente como em todas as outras ocasiões anteriores de incursões ao “Verdurão”, até o momento em que fechei a porta do meu veículo e deposei a sacola com os itens adquiridos no banco do carona.

Naquele momento, um senhor de meia idade, com roupas simples, bateu violentamente no capô do meu carro. Foram três ou quatro golpes fortes seguidos um gesto inusitado e intimidador. Ele apontou diretamente para o meu rosto.

Imediatamente, “ouvi”, em pensamento, duas vozes. Um “diabinho” afirmou: “Que absurdo!!! Desce do carro e vai tomar satisfação”. Em claro contraponto, um “anjinho” disse: “Não desce do carro. Pode acontecer uma tragédia. Se ele estiver armado?”.



A situação relatada lembra uma famosa fábula atribuída aos índios Cherokee. Aquela sabedoria tradicional sobre a complexidade da natureza humana indica que todos nós possuímos dois lobos em uma luta interna: um bom e um mau. Vencerá a guerra, ou as batalhas da vida, o lobo que a pessoa decidir alimentar.


Os estoicos afirmavam que a raiva é a loucura temporária e suas consequências são muitas vezes irreparáveis. Nesse sentido, conta-se que o imperador romano Adriano, em um acesso de raiva, arrancou o olho de um escravo. Quando a calma voltou, Adriano teria pedido desculpas e, ao perguntar ao homem o que poderia fazer, ouviu o seguinte lamento: “Tudo o que desejo é ter meu olho de volta”.

Um dos mais fortes ensinamentos estoicos é justamente aquele que afirma não podermos controlar os eventos do mundo, mas podemos controlar nossas reações a eles. O célebre imperador romano Marco Aurélio, autor da famosa obra “Meditações”, estudou o estoicismo para enfrentar as diversas formas de adversidade com dignidade e tranquilidade, decorrentes das virtudes cardeais da sabedoria, justiça, coragem e temperança (prudência/moderação).

Allan Kardec, codificador do espiritismo, abordou a influência de espíritos desencarnados como “uma das forças da Natureza” e responsáveis por diversos fenômenos observados na vida cotidiana “... até agora não explicados ou mal explicados”.

Na Introdução da obra “O Livro dos Espíritos”, Kardec afirmou: “As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As comunicações ocultas têm lugar pela boa ou má influência que exercem sobre nós sem o sabermos. Cabe ao nosso julgamento discernir entre as boas e as más inspirações”.

Uma parte do livro mencionado é dedicada ao tratamento da “Influência oculta dos Espíritos sobre os nossos pensamentos e as nossas



ações". Nesse trecho da obra são encontradas as seguintes questões e respectivas respostas:

459. Os Espíritos têm influência sobre nossos pensamentos e ações? "Em relação a isso, a sua influência é bem maior do que imaginam, porque muitas vezes são eles que os dirigem."

460. Temos pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos? "Suas almas são Espíritos que pensam. Ignoram que muitos pensamentos lhes chegam, de vez em quando, sobre um mesmo assunto e amiúde bastante contraditórios. Pois bem, há neles sempre algo dos vossos pensamentos bem como dos nossos. É o que os deixa na incerteza, porque há duas ideias que se entrecrocaram."

464. Como distinguir se um pensamento sugerido vem de um bom ou de um mau Espírito? "Examinem bem o assunto; os bons Espíritos aconselham apenas o bem; cabe-lhes distinguir."

465. Com que intenção os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal? "Para fazê-los sofrer como eles."

465a. Isso diminui os seus sofrimentos? "Não, eles o fazem por inveja dos seres mais felizes."

Ao comentar a questão 466 e sua resposta, Kardec afirma: "É assim que Deus deixa à nossa consciência a escolha do caminho a seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exerçam sobre nós".

Esse é o ponto principal. Toda e qualquer escolha na vida será decorrente do exercício do livre-arbítrio informado pela inteligência. Não existem influências absolutas. Os contextos familiar, social e espiritual são relevantes, mas não funcionam como determinantes inafastáveis.

Cada pessoa será responsável pelas decisões adotadas e colherá, inexoravelmente, as consequências de suas ações ou omissões. Essa é a complexa lei de causa e efeito. Complexidade que se revela de várias formas, como: a) o efeito não ser imediato em relação à causa e b) a teia de causas e efeitos assumir dimensões inimagináveis.

E o desfecho do ocorrido no Núcleo Bandeirante?

A minha decisão foi ouvir o “anjinho”. Liguei o motor do veículo. Engatei a ré. Voltei calmamente para o lugar de onde parti cerca de 30 minutos antes. Pelo retrovisor ainda divisei aquele homem esbravejando com olhar fixo no carro que se distanciava.

Curiosamente, aquele acontecimento singelo foi uma das mais importantes “esquinas” da minha vida. A quantidade de aprendizado envolvido naquele fato, aparentemente pueril, raras vezes foi repetida.

